



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES - CCTA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO - DECOM
CURSO DE RADIALISMO

THALES BARBOSA BATISTA

ESCADAS: A MULHER NEGRA COMO PROTAGONISTA

JOÃO PESSOA - PB
SETEMBRO DE 2019

THALES BARBOSA BATISTA

ESCADAS: A MULHER NEGRA COMO PROTAGONISTA

Relatório Técnico apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel, do Curso de Radialismo, do Departamento de Comunicação, do Centro de Comunicação, Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Victor Eduardo Bijos Jardim
Gomes Braga

JOÃO PESSOA - PB
SETEMBRO DE 2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B333e Batista, Thales Barbosa.

Escadas : a mulher negra como protagonista / Thales
Barbosa Batista. - João Pessoa, 2019.

34 f. : il.

Orientação: Victor Eduardo Bijos Jardim Gomes Braga.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Curta-Metragem. 2. Mulher Negra - Representação. 3.
Mídia - Aspectos sociais. I. Braga, Victor Eduardo
Bijos Jardim Gomes. II. Título.

UFPB/CCTA

THALES BARBOSA BATISTA

ESCADAS: A MULHER NEGRA COMO PROTAGONISTA

Relatório Técnico apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel, do Curso de Radialismo, do Departamento de Comunicação, do Centro de Comunicação, Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba.

RESULTADO: _____ NOTA: _____

João Pessoa, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Victor Eduardo Bijos Jardim Gomes Braga (orientador)
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Alan Mangabeira Mascarenhas (examinador)
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Cláudio Cardoso de Paiva (examinador)
Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por ter me dado o apoio emocional e financeiro durante o curso, para que eu conseguisse entrar, cursar e finalmente concluir minha primeira graduação. Eles fizeram o que podiam e não podiam por mim: ouviram meus choros, lamentos, desesperos e expectativas frustradas de um dia sair do país e procurar novos horizontes e perspectivas profissionais e sociais. Obrigado por terem apoiado minha transição. Eu posso afirmar que sou um homem trans privilegiado por não ter sido expulso de casa, ouvir piadinhas ou ter meu apoio cessado, pelos que muitos chamam de ‘opção’, mas é uma pedra que tenho que carregar para poder me sentir eu mesmo. À minha mãe, Clênia, por ter sido a melhor mãe que pôde, e principalmente por ter entendido seus erros e estar tentando melhorar a cada dia. Obrigado por ter dado seu melhor e por lutar mesmo quando estava machucada e sangrando, por mim e minha irmã. Eu te amo, mãe. Ao meu pai, Antônio, que apesar de viver em seu lindo mundo da imaginação, sempre foi uma pessoa positiva que queria que vivêssemos felizes com todo o conforto do mundo. Obrigado por ter saído de sua zona de conforto diversas vezes para nos dar apoio. Eu te amo, pai. À minha irmã, Thamires, que apesar do abismo emocional entre nós, estamos todos os dias tentando melhorar isso. Às vezes damos uns passos pra frente e outras para trás, mas espero um dia viver em paz contigo. Você é um grande exemplo pra mim de perseverança e conquista. Você é uma grande mulher. Eu te amo, irmã.

Não posso deixar de agradecer a três estrelas que iluminaram meu caminho: Minha amiga Mirella, que conheci no terceiro ano do ensino médio em Aracaju, quando achei que nunca faria amizades, ela mostrou que é possível discordar e conversar amigavelmente. Amiga de puxar a orelha e ter a orelha puxada. Alguém para falar as verdades e se sentir acolhido. Você é como uma irmã pra mim. A segunda foi Socorro (ou Corrinha, como gosta de ser chamada), que não tenho palavras para descrever o tamanho apoio que ela me deu desde 2016, quando cheguei em João Pessoa. Desde arrumar um lugar para eu morar com minha mãe, quando não tínhamos para onde ir, até me chamar para o Natal na casa de amigos, quando eu não tinha como ir pra casa, ela foi uma mãe-drinha de mão cheia, que levarei para a vida inteira. E por último, mas não menos importante, meu amigo-irmão Heitor, que foi um dos primeiros homens trans que eu conheci, quando fui ao ambulatório pela primeira vez. Ele me ajudou nessa construção enquanto homem, enquanto trans e enquanto pessoa. Um amigo pra rir e chorar, pra dar o ombro e aconselhar. Fomos a teatros,

andamos na praia e já segurei muita vela pra ele. Você também estará sempre no meu coração.

Agradeço ao Movimento Social LGBTQ+ de João Pessoa, que me acolheu e respeitou durante todo o tempo em que representei o Petris nas reuniões. Por toda a consideração e companheirismo que precisamos para lutar por um Brasil e mundo melhor.

Agradeço ao Petris – Coletivo de Homens Trans da Paraíba, do qual fui presidente por um ano, por todo o aprendizado e desafios. Por aprender a me impor e correr atrás do que acho certo. Lá encontrei amigos e apoio que levarei para a vida inteira. A luta continua!

Também quero agradecer a meu orientador, pela paciência e foco, que sem os quais eu não teria conseguido fazer meu TCC. Sua calma foi fundamental nos momentos que a ansiedade e preocupações sociais que atormentam esse jovem negro LGBTQ+ foram mais fortes que minha determinação. Nessa atual circunstância política brasileira, eu me encontrava totalmente perdido, desesperançoso e desmotivado. Você foi vital no momento em que eu pensei em desistir de tudo e jogar esses 3 anos de dedicação e sofrimento fora, me dando uma luz que, com certeza, vai fazer a diferença em todos os âmbitos da minha vida, além de um grande aprendizado.

Por último, agradeço à minha gata-filha Faith, por ser minha companheira nos momentos bons e ruins, estando ao meu lado nessa louca jornada que é a vida.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é fazer um relatório técnico do curta-metragem de ficção que propõe mostrar a mulher negra de uma ótica distante dos estereótipos vistos em muitas produções audiovisuais. O curta tem duração aproximada de 20 min e teve em seu elenco Jamila Facury, Cely Farias, Ingrid Castro, Denis Almeida, Cláuber Müller, Edilete Bezerra, Flávio Farias, dentre outros atores conhecidos no cenário paraibano. Ele se passou em João Pessoa e utilizou dois espaços para representar os dois momentos da narrativa de Alissa, a protagonista: a Clínica Escola de Psicologia da UFPB, para os momentos realistas com a psicóloga, e o Teatro Lima Penante, para retratar o imaginário da personagem, enquanto ela conta os ocorridos para sua terapeuta. Em um país extremamente machista e racista, esse trabalho propõe repensarmos como a mídia retrata os diversos grupos de minorias, de modo a fazer a manutenção dos valores que colocam o homem branco cis e hetero no poder e o resto como coadjuvantes da história.

Palavras-chave: Curta-Metragem. Representação da Mulher. Negritude. Estereótipos. Ficção.

ABSTRACT

The aim of this paper is to make a technical report of the fiction short film that proposes to show the black woman from a perspective away from the stereotypes shown in many audiovisual productions. The short film lasts approximately 20 min and has in its cast Jamila Facury, Cely Farias, Ingrid Castro, Denis Almeida, Cláuber Müller, Edilete Bezerra, Flávio Farias, among other actors know in the Paraíba scene. It was set in João Pessoa and uses two spaces to represent the two moments of Alissa's narrative, the protagonist: the UFPB Clinical School of Psychology, for realistic moments with the psychologist, and the Lima Penante Theater, to portray the character's imagination, while she tells the events to her therapist. In an extremely chauvinistic and racist country, this work proposes rethinking how the media portray the various minority groups, so as to maintain the values that put the cis and straight white man in power and the rest as supporting history.

Key words: Short film. Representation of women. Black Culture. Stereotypes. Fiction.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 10 |
| 3 | PRÉ-PRODUÇÃO: O PLANEJAMENTO | 21 |
| 4 | PRODUÇÃO: EXECUTANDO O PRODUTO | 26 |
| 5 | PÓS-PRODUÇÃO: TORNANDO REALIDADE | 29 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 31 |
| | REFERÊNCIAS | 33 |

1 INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação são muito influentes na criação e manutenção do nosso imaginário e noção de realidade. As formas como os produtos audiovisuais constroem e desconstróem valores, modelos e ideias na sociedade são incontáveis e o objetivo desse trabalho é trazer reflexões sobre modos que a mulher negra é criada por produtos audiovisuais. De escravas e deusas do sexo, essas mulheres são objeto de desejo pelo mesmo sistema hipócrita que as menosprezam no dia a dia. Com a visão da ativista, acadêmica e filósofa feminista Djamila Ribeiro, o curta 'Escadas' traz a mulher negra enquanto agente de sua vida. Seu romance é uma parte de seu cotidiano e seu corpo não é exposto para a apreciação alheia.

Algumas novelas da Globo e seriados da Netflix foram utilizados de exemplo. O arco e atuação das personagens citadas foram analisados a fim de entender seu papel na trama principal e nas narrativas isoladas de suas jornadas.

Enquanto a pesquisa mostra estereótipos que a mulher negra fica restrita em várias obras audiovisuais, o curta propõe uma forma de representar essas pessoas, de modo a desconstruir os estereótipos citados na pesquisa. Temos que lembrar da história para ver como essas personagens remetem a construções que datam o período colonial brasileiro. A realidade da mulher no Brasil também não fica de fora, uma vez que essas dificuldades acontecem concomitantemente, acumulando em uma série de obstáculos que essas mulheres tem que enfrentar em suas vidas.

O registro da produção do curta foi feito de modo a mostrar que é possível fazer produções de baixo custo quando se tem organização e criatividade. Tempo não é problema quando reuniões online podem ser feitas e quando se utiliza sistemas de armazenamento em nuvem. Imprevistos sempre acontecem, mas a organização pode ajudar a impedir muitos deles.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Representação da mulher negra

- **A mulata estereotipada**

Na televisão e no cinema, tanto a nível brasileiro quanto a mundial, pode-se perceber alguns estereótipos que as personagens femininas e negras são recorrentemente obrigadas a representar. Estereótipos são projeções que fazemos, sempre carregados de sentidos e relacionados com construções culturais, que são atribuídos às pessoas ou grupos sociais, muitas vezes de maneira preconceituosa. Desta forma, os estereótipos que as personagens negras representam, são manifestações do imaginário popular, que muitas vezes reforçam preconceitos contra elas mesmas. Estes modelos de representação da mulher negra surgiram de um histórico escravocrata, racista e sexista, que unidos formam o que pode ser visto nas várias representações desse grupo.

No Brasil, a escravidão de pessoas negras, provindas do continente Africano, durou mais de 300 anos, e teve seu fim em 13 de maio de 1888, com a aprovação da Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel, que oficializava seu fim. A abolição não se deu apenas por iniciativa da princesa, mas foi a consequência muitos fatores, entre eles a luta dos negros e negras que fugiam de seus ‘donos’ para viver em liberdade nos Quilombos ou tentar voltar para casa, além de ações mais violentas, como a morte dos donos de terras e dos seus capatazes. Infelizmente, o fim da escravidão não foi o fim do sofrimento da população escravizada, que agora sem terra, estudo ou emprego, iria passar por necessidades e ser marginalizada pela nova sociedade ‘aboliconista’, que não pensou em meios de integrar a população negra. Sem opção, essas pessoas que muitas vezes não sabiam ler nem escrever, não tinham capacitação para exercer nenhum ofício e nem onde morar, recorriam a roubos e furtos para sobreviver, criando, assim, os estereótipos que até hoje permeiam a sociedade, de que pessoas negras são burras, pobres, incapacitadas e violentas. Dessa forma, o agora ‘negro livre’, ainda sofria do mal de ser segregado da sociedade, que apesar de não escravizá-lo, o afastava por não considerá-lo digno de emprego nem respeito, uma vez que o encarava (e alguns ainda encaram) como inferior.

Mas infelizmente, para essas personagens e representações sociais, ser negra não é o único problema. Elas, enquanto mulheres, também sofrem do mal que o machismo trás para suas vivências. Seus corpos são utilizados como troféu para seus maridos ou de deleite para os solteiros terem prazer. Uma outra vivência que as mulheres ficam sujeitas é a da

violência diária, seja emocional, física ou sexual. O site Violência Contra a Mulher em Dados registra as seguintes informações:

- a) Uma mulher é vítima de estupro a cada 9 minutos;
- b) Três mulheres são vítimas de feminicídio a cada um dia;
- c) Uma mulher registra agressão sob Lei Maria da Penha a cada 2 min.

Esses, dentre outros dados, são atualizados à medida que novos estudos e dados vão sendo publicados. Um outro dado é a recorrência dos agressores serem companheiros ou ex companheiros das vítimas, o que traz a triste perspectiva que uma mulher, ao escolher seu namorado ou marido, está escolhendo seu potencial agressor ou algoz. Desta forma, o curso da vida de muitas mulheres é condicionado pelas opiniões e ações de seus companheiros, que podem podar e proibí-las de seguir determinados caminhos ou fazer determinadas escolhas. Muitas vezes, essas mulheres são obrigadas a fazer algo perigoso, por estar em uma situação crítica, como é o caso de diversas que são coagidas a entrar no mundo do crime¹. O tráfico de drogas é um caminho para proteger familiares como maridos, filhos e irmãos, que são ameaçados enquanto privados de liberdade, por detentos que comandam ou participam do tráfico.

Djamila Robeiro traz em seu livro ‘Quem tem medo do feminismo negro?’ reflexões sobre a imagem da mulher negra, dentre outros pontos. No artigo ‘A Mulata Globeleza: um manifesto’, ela explica a origem do termo ‘mulata’, que derivado do nome do animal mula, se refere a negros mestiços (assim como as mulas, que são o cruzamento do cavalo com o jumento), que muitas vezes tinham pele mais clara e feições próximas do branco europeu. Ela fala do colorismo existente na nossa sociedade, que classifica os negros e negras de acordo com sua proximidade com os negros mais escuros, com beijos grandes, peitos e quadris largos, dentre outras características, e dos negros mais claros, que podem vir com características faciais e físicas mais aproximados à branquitude. Esse colorismo faz parte de um sistema racial para expurgar os primeiros, e definir como ‘bonitos’ os segundos. A autora ainda aponta como as mulheres negras que tem feições mais ‘suaves’ e brancas são as mais desejadas. Muitas das atrizes e apresentadoras da Rede Globo, por exemplo, se encaixam nesse perfil. As que não se encaixam, muitas vezes acabam por se tornar alívio cômico ou terem seus papéis diminuídos ou escanteados nas tramas. Ela ainda aponta como o trabalho da atriz Fernanda Montenegro é extremamente

¹ Disponível em: <<https://www.gazetaonline.com.br/noticias/policia/2017/11/mulheres-entram-no-mundo-do-crime-para-proteger-parentes-presos-1014108323.html>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

valorizado, em detrimento de atrizes como Ruth Avelino, com talento e técnica equiparáveis.

Esse manifesto expõe como a mulher negra fica restrita a determinados papéis, não de personagens em uma trama, mas de estereótipos, como o caso da Globeleza: uma mulher negra que dança nua, coberta apenas de tinta, para o Brasil inteiro ver. Uma figura que é descartada no momento que não é mais útil e só é trazida de volta para fazer a manutenção da ideia que Carnaval é o momento de dançar e fazer sexo. Atrizes como Camila Pitanga e Taís Araújo, mesmo que com seus renomes, muito ficaram, em grande parte de suas carreiras, restritas a papéis de prostitutas, mulheres sensuais, coadjuvantes, dentre outros.

Dentre os estereótipos que são encontrados nas dramaturgias audiovisuais que são mais recorrentes, o primeiro é das personagens hiperssexualizadas, que tem seus corpos como principal foco de sua atuação na narrativa. Geralmente estas personagens não só vestem poucas roupas ou roupas coladas que chamem a atenção, como elas tem diversas interações ou situações onde isso é acentuado. Deixando claro que não há nada de errado na forma em que a pessoa se expressa com suas roupas, mas a essas personagens aparecem sempre ou quase sempre para mostrar seu corpo ou tê-lo apreciado por alguém, como no caso da personagem Maria Vanubia (Roberta Rodrigues) da novela Salve Jorge, da Globo. A novela contava a história de Morena, interpretada por Nanda Costa, moradora de uma favela no Rio de Janeiro, que conseguiu viajar para a Turquia a trabalho, mas acabou vítima de tráfico sexual de mulheres. Maria Vanubia fazia parte de um núcleo cômico e era moradora dessa favela.

Essa personagem era apenas uma mulher de corpo esbelto, que morava no morro, e que competia com Lurdinha (Bruna Marquezine), para ver quem era a mais 'gostosa e atraente'. Enquanto a Lurdinha, apesar de também ser uma mulher de corpo esbelto que usava poucas roupas e queria chamar a atenção das pessoas, tinha um drama familiar um pouco mais aprofundado, Vanubia não passava de uma mulher barraqueira e sem história. Lurdinha tinha casa, mãe, padrasto e até uma irmã, já Vanubia não tinha nem um cenário mostrando sua casa e ela sempre aparecia tomando sol na laje. (Imagens 01 e 02)

Imagem 01 – Maria Vanubia em um concurso de beleza no morro.



Fonte: Salve Jorge/Rede Globo (2012-2013)

Imagem 02 – Montagem de Maria Vanubia tomando banho na laje.



Fonte: Salve Jorge/Rede Globo (2012-2013)

Já na novela *Fina Estampa*, a personagem de Cris Viana, Dagmar, era frequentemente vista em momentos sexualizados com Quinzé, interpretado por Malvino Salavor (Imagens 03 e 04), ou com Wallace (Dudu Azevedo). Além disso, era mostrada recorrentemente como uma mulher de corpo bonito, com roupas justas e sempre ouvindo comentário de outros personagens masculinos. Ela protagonizou mais cenas sexualizadas que muitas outras personagens, cujo tempo em tela era dedicado a desenvolver suas histórias. Por mais que ela tivesse filhos e um emprego, isso era deixado de lado para que ela vivesse esse triângulo amoroso e seus momentos de destaque na novela era focados em desenrolar esse papel de mulher ‘desejada’, regada a cenas de sexo, beijo ou corpos expostos. Tanto dela, quanto de seus parceiros.

Imagem 03 – Dagmar protagonizando uma cena quente com Quinzé.



Fonte: Fina Estampa/Rede Globo (2011-2012)

Imagem 04 – Montagem de planos que compõe a cena de Dagmar.



Fonte: Fina Estampa/Rede Globo (2011-2012)

- **Personagens rasas**

Além da hiperssexualização dessas personagens, muitas são personagens rasas, com pouco impacto na trama ou sem personalidade. Por raso, denomino personagens que tem personalidade fraca, pobre ou repetitiva. Elas tem o comportamento previsível e superficial, chegando, em muitos casos, a serem caricatas, por terem um comportamento único, como o caso das ‘senhorinhas fofoqueiras’ que aparecem em várias histórias. São mulheres de mais idade que a única função na história é falar da vida alheia.

Maria Vanubia, como dito anteriormente, não tinha família, cenário para sua casa e seu único papel era competir com a Lurdinha para saber quem era a mais desejada. Não havia nenhum envolvimento na questão da protagonista, que tentava voltar para casa depois

de descobrir ter sido enganada. Vanubia não trazia nenhuma lição de moral ou nada que agregasse à novela. Ela estava lá apenas para agitar a vida da personagem Lurdinha, que tinha uma ligação indireta com a Morena, uma vez que suas mães eram amigas. Dagmar, por sua vez, era uma cozinheira que trabalhava para Guaracy em sua padaria (um dos pares românticos da protagonista Lília Cabral), mas sua atuação principal era ser ‘um ombro amigo’ dele e ser desejada por Wallace e Quinzé. Sua personalidade era um pouco mais desenvolvida que Maria Vanubia, mas ela estava lá principalmente para interagir com esses e ajudar no desenvolvimento da narrativa deles e não dela. Sua vida muda no momento que ela começa a namorar com Wallace e ele se torna um famoso lutador de MMA, ou seja, ele é responsável pela ascensão social dela, que tem que se acostumar com um novo estilo de vida, indo a restaurantes caros e tirando fotografias com seu, agora famoso, namorado.

Um outro exemplo de personagem rasa, mas agora com um agravante, por originalmente ser a protagonista da novela, é o caso da Helena interpretada por Thaís Araújo em *Viver a Vida*. Essa novela contava a história de Helena e Luciana (Aline Moraes), duas modelos com personalidades opostas que tentavam lidar com as diferenças quando o pai de Luciana, Marcos (José Mayer), se apaixona por Helena e termina seu casamento de 30 anos com Teresa (Lília Cabral), mãe de Luciana, para ficar com ela. No decorrer da novela, em uma viagem a trabalho, Helena e Luciana discutem e a primeira manda a segunda pegar um ônibus para onde elas estavam indo. No caminho, o ônibus de Luciana sofre um acidente, deixando-a tetraplégica. Daí pra frente, toda a trajetória de Helena, mulher negra que estava tentando superar as questões sociais e da diferença de idade entre ela e o amado são deixados de lado para que a Luciana, a jovem branca de classe alta que ficou tetraplégica, pudesse brilhar. Não só a narrativa começou a crescer diante desse fato, como a personagem foi diminuindo e enfraquecendo, chegando ao ponto de ser escurraçada por Teresa diversas vezes e ficar apenas chorando, sem reação, mesmo estando dentro de sua própria casa (Imagem 05). Ela, no fim, apenas serviu como pivô da separação de Teresa, que teve que se mostrar uma mulher forte após o divórcio e face à tetraplegia da sua única filha (Teresa também foi uma personagem que cresceu às custas de Helena).

Ela também passou a ser o ‘troféu’ do homem mais velho, que trocou seu casamento duradouro pela mulher mais nova. A novela não conseguiu mostrar uma conexão ou algo que fizesse com que Helena e Marcos tivessem algo especial e justificasse o divórcio. No início houve a tentativa, mas no decorrer da novela, até o personagem de Marcos ficava dividido entre o drama de Luciana/Teresa e sua vida com Helena. Apesar do

caso da filha ser muito delicado e requerer sua atenção (e ele não ter sido o melhor exemplo de pai para Luciana), Helena parecia ainda menor diante de tudo que estava acontecendo. Até Teresa parecia mais relevante para Marcos, tendo conversas profundas e protagonizando, com ele, momentos marcantes na novela.

Imagem 05 – Teresa dá um tapa na cara de Helena.



Fonte: Rede Globo (2012-2013)

- **Personagens preteridas**

Outra instância que as personagens femininas e negras podem sofrer, é a de serem usadas como prêmio de consolo ou preteridas por algum personagem masculino, que na verdade está apaixonado por outra personagem da novela, muitas vezes (se não, todas as vezes) branca. Três exemplos são: a) Leila (Lucy Ramos), na novela Força do Querido, onde ela não só era rasa, como era a namorada de Caio (Rodrigo Lombardi), apenas para que ele a traísse com Bibi (Juliana Paes) e a trocasse por ela. Leila era arquiteta e parecia ser o par perfeito para Caio (Figura 06). Ela tinha uma boa relação com a família dele e ambos viviam muito bem até que Bibi, uma mulher totalmente diferente dela e que trazia perigo a Caio, uma vez que ela se tornou uma criminosa com conexões com o tráfico, voltou à sua vida e o fez questionar seus sentimentos por Leila. Caio deixou a estabilidade do relacionamento com Leila, pela paixão arrebatadora e perigosa que Bibi trazia para sua vida. Caio também acaba se envolvendo com Jeiza (Paolla Oliveira), no decorrer da novela. Apesar de ser breve, já mostra como ele é incapaz de ser fiel a seu relacionamento de longa

duração com Leila, terminando e voltando com ela, com brigas e discussões, até conseguir quem sempre quis, a Bibi. Ele usa a Leila para não ficar sozinho.

Figura 06 – Leila bebendo vinho com Caio em seu apartamento.



Fonte: Força do Querer/Rede Globo (2012-2013)

B) Outra personagem que é utilizada, ainda mais claramente, como ‘reserva’, é a Karen Minty (Natalie Paul) da série You (Netflix – 2018). Karen namora Joe (Penn Badgley), gerente de uma livraria, que se torna obcecado por Beck (Elizabeth Lail). Enquanto namora Karen, Joe observa, persegue e deseja essa outra mulher. Apesar disso, essa personagem trás a reflexão do amor próprio e de saber acabar com relações que não trazem coisas positivas para nossa vida, mostrando ser uma mulher com personalidade forte e independente (Imagem 07), como no momento em que ela decide terminar seu relacionamento, quando percebe que seu amado a está usando, enquanto deseja outra.

Imagem 07 – Meme de Karen Minty: “Eu respeito Karen Minty e apenas Karen Minty”.



Fonte: You/Netflix (2018)

C) A terceira personagem, que mais se encaixa como prêmio de consolo, mas que tem grande potencial de ser trocada por outra é a Ola Niman (Patrícia Allison), da série Sex Education (Imagem 08). No fim da primeira temporada, Ola termina com Otis (Asa Butterfield), que na verdade tem interesse romântico pela Maeve (Emma Mackey). Otis passa boa parte da série tentando se relacionar com a Maeve, e fica muito clara a tensão que existe entre os dois, mas no fim ele termina com Ola. O clima entre ele e Maeve não dissipa, e tendo em vista que ambos são protagonistas da série, pode acontecer de sua paixão por ela ser maior e ele terminar seu relacionamento para ficar com ela. Ola e Otis não tem uma história tão envolvente, como o que ele tem com Maeve, tornando-a um pouco rasa.

Imagem 08 – Otis e Ola no fim da primeira temporada.



Fonte: Sex Education/Netflix (2019)

2.2 A linha entre o real e o imaginário

Para a criação das cenas dos Flashbacks, decidimos não utilizar representações do real, com cenários e atuações realistas. A proposta foi utilizar o espaço do teatro para representar, de forma teatral, aberta e mimética, o que acontecia no imaginário da personagem principal, Alissa. Em vez de irmos aos locais como parques, casas, escritórios, preferimos representá-los.

Como referência, entre o real e o ficcional, usamos Birdman (ou A Inesperada Virtude da Ignorância), história de Riggan Thomson (Michael Keaton), um ator de teatro, que vivendo à sobra de um grande sucesso seu do passado (Birdman), tenta alcançar um novo sucesso, ao mesmo tempo que tenta lidar com sua vida pessoal e rivalidades

profissionais. Em vários momentos o real e o fantástico se misturam (Imagem 09), fazendo o telespectador questionar o que real e o que imaginário.

Outra referência de atuação e representações teatrais é a série *Capitu* (2008), de Luiz Fernando Carvalho. A série conta a famosa história de Bentinho e Capitu, do livro *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e sua saga, desde a infância até sua vida adulta, com sua amada Capitu. Com uma bela direção de arte, os cenários e objetos nem sempre são cópias fiéis do real (Imagem 10). Com cenários abertos, panos que são usados como parede, danças para representar sentimentos, essa série foi uma grande inspiração para as cenas dos flashbacks, uma vez que utilizam da harmonia entre atores, cenários, roupas, falas e ações para contar a história e expressar o estado mental do personagem principal, Bento. No curta, os personagens usarão roupas neutras e serão ressignificados (mudarão de papéis e funções). As interpretações nesses momentos serão mais exageradas, e trarão os sentimentos de Alissa mais à tona, comparado aos momentos na Clínica, onde ela estará mais tímida.

Outra fuga do realismo que será proposta sairá da construção da produção e representação das cenas, assim como em *Dogville* (2003). O filme conta a história de Grace (Nicole Kidman), forasteira que chega em uma pequena cidade e pede ajuda aos moradores para fugir de criminosos. Eles a ajudam, mas pedem que ela faça sua estadia valer a pena, e aos poucos, a presença de Grace causa desprezo e abuso dos moradores. Um marco desse filme é que os atores não contaram com todos os elementos cenográficos para fazer as cenas. Suas atuações, diante de um cenário ‘mal-acabado’ deram vida à história de Grace (Imagem 11).

Imagem 09 – Reegan ‘ouvindo’ Birdman enquanto anda na rua



Fonte: Fox Searchlight Pictures (2014)

Imagem 10 – Bentinho e Capitu dentados no chão, onde um cenário foi desenhado para representar o momento



Fonte: Capitu/Rede Globo (2008)

Imagem 11 - Cenário de Dogville contava com marcações no chão e o filme foi inteiramente gravado em um galpão.



Fonte: Dogville (2008)

3 PRÉ-PRODUÇÃO: O PLANEJAMENTO

O projeto começou com o argumento, que foi escrito em Julho de 2018, por mim, Thales Barbosa Batista. A história teve origem após minha candidatura a uma bolsa de estudos em uma universidade de Londres ser recusada. Durante meses eu me preparei para esse momento: de gastos a sacrifícios pessoais, como deixar de sair para não gastar dinheiro ou me dedicar excessivamente aos estudos e projetos paralelos para melhorar meu currículo, além de uma extensa aplicação com variados documentos, cartas de motivação, referências e etc. Ao ver o e-mail com o anúncio de que eu não conseguiria a bolsa, pensei que estava tudo acabado em minha vida, mas não muito após aquilo, percebi ser apenas um recomeço. Um dia depois do anúncio eu fui para a aula e conversei com uns amigos, também estudantes de Radialismo, e decidi que ‘já que não vou para fora do País, vou aproveitar o resto do meu curso para produzir material’. Daí, comecei a escrever a história de Alissa. A primeira cena que veio à minha mente foi a da festa, com Igor, e o momento decisivo onde ela determina seu objetivo e segue até o fim. Depois as cenas da psicóloga, que é um recurso que utilizo para me acalmar. Em momentos de stress eu me imagino em uma sessão, conversando sobre os acontecimentos recentes que me causaram stress. Desse hábito (ou sistema de defesa) surgiram as cenas com a Psicóloga Jéssica. O resto foi agregando à medida que quis trazer dilemas vividos por muitos universitários. A questão da mulher e negra veio em da minha preocupação em dar voz a essa população, que muitas vezes fica presa a ser objeto de desejo ou discriminação. Quis que essa personagem, que sofre o que todo mundo sofre, fosse uma mulher negra, para que as pessoas entendessem que essas minorias, além do que sofrem pelas mãos da sociedade, também tem seus problemas cotidianos. No roteiro original havia uma cena final onde a personagem da psicóloga iria dar uma ‘lição de moral’, explicando que aquilo não era o fim e que Alissa tinha uma longa vida pela frente, mas no decorrer do processo foi decidido tirar, pois em algumas reuniões e aulas apontaram ser desnecessário. Por ser um curta, seria melhor deixar acontecer e que quem assistiu chegue à sua própria conclusão.

O argumento, então, conta a história de Alissa: jovem de classe média que estava no último período de Administração, mas que se encontrava sem perspectiva de futuro. Ela é encorajada por sua amiga Letícia a tentar emprego em Recife, que é uma cidade maior e com mais possibilidades. Ela decide persistir, mas seu namorado e sua insegurança são obstáculos em sua jornada. Ela tem que terminar seu TCC, que está atrasado e lidar com o namorado que não aceita (e até a proíbe) de continuar com esse desejo. Em determinado

momento ela consegue terminar o curso e é chamada para uma entrevista de emprego, quando tem uma grande discussão com seu namorado. Nesse momento, Alissa percebe que precisa se desfazer dele para seguir aquilo que colocou como prioridade. Desprendido dele, ela vai seguindo o curso natural das coisas, mas se depara com a sua não seleção para a vaga. Tudo isso se passava entre Flashbacks e a consulta que ela tinha com a Psicóloga Jéssica. Além disso, haveriam cenas com uma escada, que seria uma metáfora para esse processo de crescimento.

Com o argumento em mãos eu fui atrás da equipe, que contou com alguns amigos que conversaram comigo e outros que vieram através de uma chamada que fiz por WhatsApp e outras redes sociais, convocando pessoas que gostariam de participar da produção. Foi criado um e-mail (producao.escadas@gmail.com), por onde as pessoas entravam em contato para saber como participar, além do meu WhatsApp. Eu fiz um planejamento de funções para explicar aos que estavam entrando na equipe quais seriam suas funções (Imagem 12)

Imagem 12 – Planejamento de funções.

Elaborado por Thales Barbosa em 04/08/18

Fluxograma de Produção - Curta Escadas

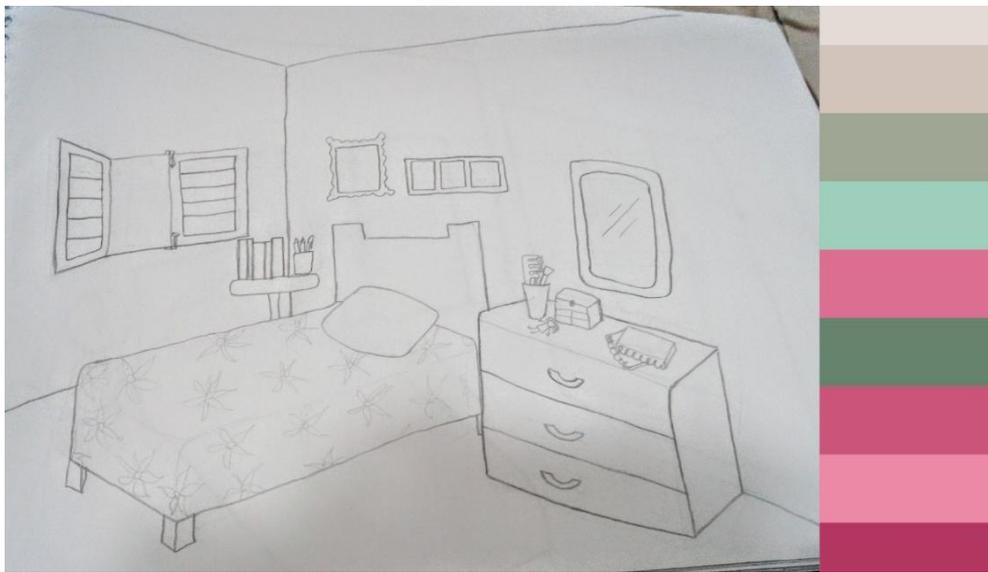
| | Pré-Produção | | | | Produção Fase Única | Pós-Produção | | | |
|-------------------|-------------------------|--|---|---|---|--------------|--------------------------|---------------------------|-------------|
| | Fase 1 | Fase 2 | Fase 3 | Fase 4 | | Fase 1 | Fase 2 | Fase 3 | Fase 4 |
| Roteirista | Argumento (30/07/18) | Roteiro | | | | | | | |
| Direção | | Plano de Filmagem e supervisionar Casting e Croquis | Supervisionar ensaios e planejar gravações (ordem do dia) | Supervisionar finalizações | Dirigir | | | | |
| Direção de Elenco | | Casting | Ensaios e provas de figurino | Finalização de Ensaios | Preparar/Auxiliar Atores | | | | |
| Direção de Arte | | Elaboração de Croquis (cenários, figurinos, etc) | Procura de materiais e roupas necessários | Direção de Arte concluída (figurinos, elementos cenográficos etc) | Montar Direção de Arte | | | | |
| Produção | | Pré-Pesquisa de equipamentos | Procura dos equipamentos e de locações | Equipamentos e locações ok (marcados/reservados) | Organizar a gravação antes, durante e depois. Transporte, Alimentação, Local, Equipamento | | | | |
| Fotografia | | Plano de Filmagem e Listagem de equipamentos necessários | | | Montar luz, câmeras e gravar | | | | |
| Som | | Plano de Filmagem e Listagem de equipamentos necessários | | | Gravar o som | | | | |
| Editor/a | | | | | Descarregar arquivos | Sinc e Corte | Adição de Trilha musical | Ajuste de Cores e Efeitos | Finalização |

Fonte: Thales Barbosa (2018)

Com a equipe formada e as funções esclarecidas, começamos os trabalhos de pré-produção. Primeiramente, criei o Drive da produção do curta, onde todos e todas tinham acesso a partir de seus e-mails e poderiam contribuir de suas casas. Lá foram divididas algumas pastas com o nome de cada área: Fotografia, Direção de Arte, Produção, Elenco, etc. Daí, solicitei ao pessoal da Direção de Arte que começasse com a conceitualização dos cenários e figurinos. Eles elaboraram um arquivo PDF com os desenhos dos cenários, tabelas de cores e roupas (Imagem 13).

Nesse mesmo período, eu conversei com a atriz e diretora Kassandra Brandão para pedir que ela fosse Preparadora e Diretora de Elenco. Em seguida, falei com a atriz Jamila Facury, a qual eu já havia trabalhado na minissérie ‘O Sumiço de Santo Antônio’ e tinha gostado bastante do trabalho. Eu enviei o roteiro e posteriormente nos encontramos na Universidade, onde propus o projeto e conversei sobre a personagem. Ela aceitou participar do projeto. Com a protagonista garantida, comecei a procurar o resto do elenco com a Produção de Elenco. Nós fizemos outra arte com chamada em grupos de WhatsApp e Instagram. Os interessados e interessadas entraram em contato e enviamos uma cena do personagem pretendido, dependendo da faixa etária do ator/atriz.

Imagem 13 – Croqui do Quarto de Alissa



Fonte: Chrislayne Muniz (2018)

Marcamos as audições para o estúdio de TV que fica no Abacatão, no Centro de Comunicação, Turismo e Artes, na UFPB. Ao chegar, as pessoas tinham seus nomes colocados em uma lista para gerenciarmos a ordem. Cada um também preenchia uma ficha

com dados como nome, contato, medidas de roupa e disponibilidade de ensaio/gravação (Imagem 14). Após as audições, pedi para a Produção de Elenco digitar as informações e colocar no Drive. Além disso, também conversei com Kassandra e as outras pessoas presentes e tomamos as decisões de quem ficaria com qual papel. Após todos cientes de seus personagens, marcamos uma grande reunião com equipe e elenco, para nos conhecermos e conversar sobre o projeto.

Imagem 14 – Ficha de Elenco

Escadas

Ficha - Elenco

| | | | | | | | |
|---|--------|---------|-------------|-----------|-----|-----|-----|
| Nome: | | | | Telefone: | | | |
| E-mail: | | | | | | | |
| Endereço: | | | | | | | |
| Idade: | Peso: | Altura: | N° Calçado: | | | | |
| Medidas: | Blusa: | Calça: | Vestido: | | | | |
| Restrições alimentícias: () sim () não. | | | | | | | |
| Comentário: | | | | | | | |
| Disponibilidade: | | | | | | | |
| | Seg | Ter | Qua | Qui | Sex | Sáb | Dom |
| Manhã | | | | | | | |
| Tarde | | | | | | | |
| Noite | | | | | | | |
| Observação: | | | | | | | |

Fonte: Thales Barbosa (2018)

Com a disponibilidade do elenco em mãos, começamos a correr atrás das locações, como a Clínica de Psicologia da UFPB, por uma sala. A casa de uma amiga seria o quarto de Alissa e gravaríamos a cena do Parque no Jardim Botânico. Estava tudo acertado. Entramos em contato com o pessoal do NPD – Núcleo de Produção Digital da Paraíba – para conseguir os equipamentos. Enviamos a solicitação padrão utilizada por eles, e nos confirmaram a disponibilidade dos equipamentos para o período pretendido. Chegando próximo à data, marcamos os ensaios, que foram na UFPB. Foi um dia para o elenco se conhecer e trabalhar a relação dos personagens, mais um dia por dia de gravação (que seriam 6). Na sexta que antecedia as gravações (que começariam em uma terça), um dos responsáveis pelo NPD respondeu ao produtor responsável pelos equipamentos informando

que não tinha uma resposta certa. Nós aguardamos a segunda-feira e ele nos disse que o equipamento não seria emprestado. Tivemos, então, que cancelar as gravações.

Em Maio de 2019 eu comecei a disciplina ‘Experimento Audiovisual’, onde teríamos que produzir um produto audiovisual. Logo pensei no curta que estava em aberto, o Escadas. No decorrer das aulas, eu e mais dois colegas, Chrislayne Muniz e Lucas Idalino, tivemos reuniões e aulas que nos deram direcionamentos sobre executar o curta, além de desafios propostos pelo professor da disciplina. Em um determinado momento, nós decidimos alterar a estética dos Flashbacks para que estes não fossem mais realistas, e mostrassem os acontecimentos de forma mais lúdica e teatral, como que se passando na cabeça de Alissa. Diante disso, os locais de gravação foram descartados e o Lima Penante foi reservado para gravar as cenas dos Flashbacks, enquanto a Clínica de Psicologia se manteve como locação das cenas com a Psicóloga. No fim, as gravações ficaram marcadas para as semanas de 9 a 20 de Setembro de 2019.

Outros documentos elaborados durante a pré-produção:

- Escaleta;
- Análise Técnica;
- Ficha de Produção: Com informações como local, data, responsáveis, transporte, elenco, alimentação, etc;
- Lista de Contatos para equipamentos;
- Decupagem;
- Storyboard.

4 PRODUÇÃO: EXECUTANDO O PRODUTO

Para a gravação, eu separei as cenas de acordo com as locações. Como alteramos a proposta, nos restavam duas locações: Consultório da Psicóloga e Espaço Imaginário/Flashbacks.

- **Consultório da Psicóloga**

Dados do Local:

Local: Clínica de Psicologia - CCHLA

Endereço: Cidade Universitária, s/n. Campus I – UFPB

Data: 13 de Setembro

Hora: 13h às 17h

Contato dos responsáveis: (83) 3216-7338

Equipe:

| | | | |
|-------------|-------------------------|---------------|---------------|
| Direção: | Thales Barbosa | Áudio: | Lucas Idalino |
| Produção: | Thaís Andrade | Ass. Direção: | Talita França |
| Arte: | Chrislayne Muniz | Continuista: | Talita França |
| Fotografia: | Kio Lima, Luiz Monteiro | | |

Equipamentos:

Fotografia – Câmera Sony A7III com lente 24-70mm; Tripé Manfrotto.

Iluminação – 2 Fresnéis do Kit Arri

Áudio – Gravador H4N; Microfone condensador; Vara Boom; Cabo XLR; Headphone.

Transporte:

Cada um irá por conta própria para a locação.

Alimentação:

Será providenciada água para a equipe e elenco durante as gravações. Se ultrapassarem as 4 horas de gravação, iremos pagar a refeição referente (almoço ou janta) para o elenco, em algum quiosque próximo (na praça do Centro de Educação ou nos quiosques das Centrais de Aula). A equipe tem que arcar com sua alimentação, por conta de orçamento limitado.

Elenco:

Jamila Facury como Alissa Mendes

Ingrid Castro como Psicóloga Jéssica

Programação 13/09:

13h – Chegar ao local e montar o equipamento

14h – Cenas 04, 06, 11, 14 e 18

18h – Desmontar o equipamento

19h – Sair do local

Documentações:

- Ofício assinado e autorizada a utilização do espaço
- Termo de Cessão de uso de imagem do local
- Termo de Cessão de uso de imagem dos atores

- **Espaço Imaginário/Flashbacks**

Dados do Local:

Local: Teatro Lima Penante

Endereço: Av. João Machado, 67 - Centro, João Pessoa - PB, 58013-520

Data: 16 e 17 de Setembro

Hora: 13h às 19h

Contato dos responsáveis: (83) 9 9981-6520

Equipe:

| | | | |
|-------------|-------------------------------|---------------|---------------|
| Direção: | Thales Barbosa | Áudio: | Lucas Idalino |
| Produção: | Thaís Andrade, Heloísa Araújo | Ass. Direção: | Talita França |
| Arte: | Chrislayne Muniz | Continuista: | Talita França |
| Fotografia: | Kio Lima, Luiz Monteiro | | |

Equipamentos:

Fotografia – Câmera Sony A7III com lente 24-70mm; Tripé Manfrotto.

Iluminação – Luzes do teatro

Áudio – Gravador H4N; Microfone condensador; Vara Boom; Cabo XLR; Headphone.

Transporte:

Cada um irá por conta própria para a locação.

Alimentação:

Pão Caixa, Queijo Manteiga, 7 litros de água, copos descartáveis, guardanapos, Pippas sabor queijo, Bis, Suco de Laranja Isis, dentre outras comidas e utilitários.

Elenco:

Jamila Facury como Alissa

Saskia Lemos como Letícia

Cely Farias como Professora Lúcia

Denis Almeida como Igor

Cláuber Müller como Recrutador Roberto

Edilete Bezerra e Vando Farias como Professores da Banca Avaliadora

Dinísio Souza como Candidata à vaga

Programação 16/09:

13h – Chegar ao local e montar o equipamento

14h – Cenas 01, 02, 03, 05, 07, 08, 09,

18h – Desmontar o equipamento

18h30 – Sair do local

Programação 17/09:

12h – Chegar ao local e montar o equipamento

14h – Cenas 10, 12, 13, 15, 16, 17 e 19

18h – Desmontar o equipamento

18h30 – Sair do local

Documentações:

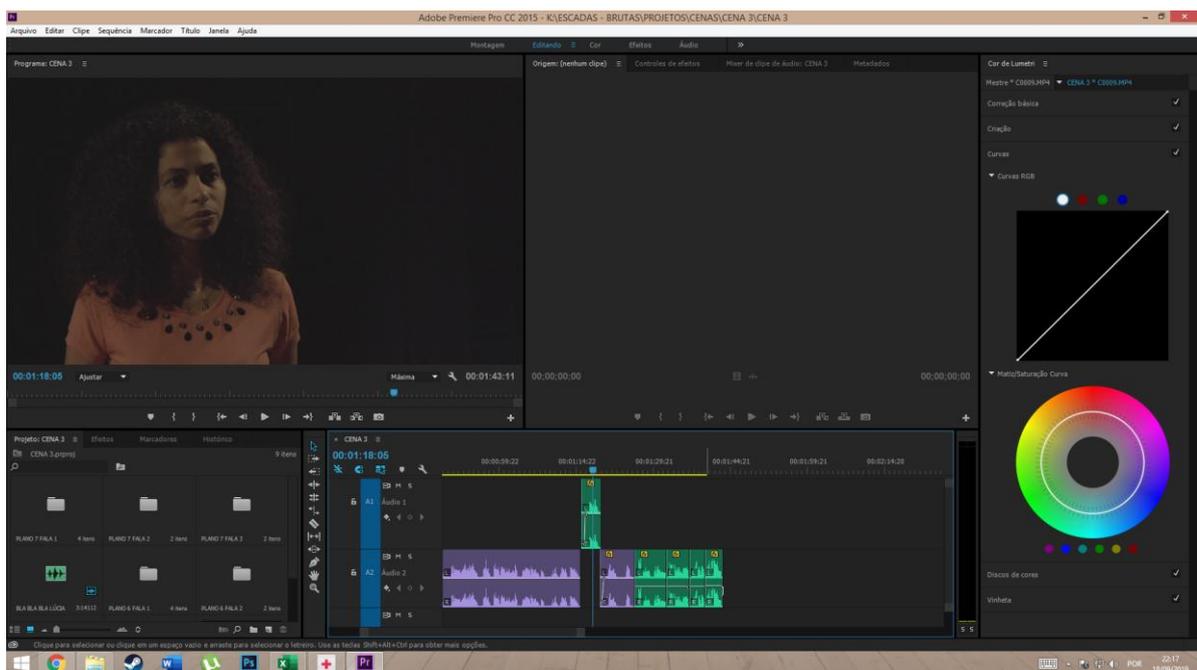
- Termo de Cessão de uso de imagem do local

- Termo de Cessão de uso de imagem dos atores

5 PÓS-PRODUÇÃO: TORNANDO REALIDADE

A edição do curta foi feita com o programa de edição Adobe Premiere Pro CC 2015. Os arquivos de imagem e som foram separados de acordo com o relatório de Continuidade. Primeiro foram separados por cenas e takes, ainda no computador, e renomeados. Depois, os que foram assinalados como bons, na continuidade, são importados para o programa. Em seguida são criadas sequências de cada cena, e lá, os áudios de cada plano são sincronizados com os vídeos. Daí, junto com cada plano, eu faço os devidos cortes e transições. Com as cenas cortadas, coloco a trilha de cada cena (musical e sons gravados isoladamente). Com as cenas prontas, junto todas em uma sequência chamada 'Final'. Nela consigo ver o curta como um todo e prossigo com o ajuste de cor e corte/transição entre cenas. Reviso os cortes e a trilha do curta (entre cenas e geral).

Na imagem abaixo, edição da cena 3, ainda em fase de cortes:



O workflow utilizado foi:

1. Organização os vídeos e áudios por dia de gravação (em pastas nomeadas);
2. Criação de projetos por cena (utilizando o relatório de continuidade/fotografia, onde tem anotado os planos que deram certo);
3. Junção dos planos que compõem cada cena, fazendo os devidos ajustes entre eles, e sincronização dos áudios gravados separadamente;
4. Junção de todas as cenas em um projeto 'Final' para ajuste de cor;

5. Ajuste de sequência entre planos/cenas;
6. Adição de trilha sonora/musical;
7. Revisão e exportação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício de observar os meios de comunicação, e suas construções do imaginário, é deveras fundamental para sociedade atual, que é muito midiaticizada. Mulheres, negros, LGBTQ+, além de outros e incluindo os homens e/ou heteros, são passíveis de serem representados de forma maléfica nas várias mídias que consumimos. Somos bombardeados com informações o tempo todo e é importante entendermos o que essas informações trazem consigo. Duas mulheres negras no mesmo filme podem representar construções totalmente diferentes. Apenas colocar um personagem negro em um filme não o torna inclusivo. A forma como esse personagem é lidado na trama é que revela se este vem de uma construção pré-estabelecida ou de uma tentativa de desconstrução do que conhecemos. Seja como consumidor ou produtor, isso é muito importante.

A produção desse curta-metragem foi um processo interno e externo. Nesse momento decisivo da minha vida, tive a chance de criar um produto que dissesse que pessoas negras não precisam se resumir ao racismo e mulheres a dilemas românticos. Existem outros âmbitos na vida dessas pessoas. Negros podem pensar em seus estudos, em sua aparência, em seus apartamentos e mulher podem (e devem) definir e trilhar seus caminhos, pensar na carreira, dentre outros objetivos. Escadas trouxe muitas das minhas experiências pessoais para um momento contemplativo, onde as inseguranças de um/uma jovem adulto/adulta fervem com cada passo que dá em seus caminhos, descobrindo suas forças e fraquezas.

A pesquisa foi crucial para que produção do curta tivesse a concisão e profundidade que alcançou. O desafio de fazer um questionamento e tentar respondê-lo, ou mostrar possibilidades de solução, ajudaram a aflorar a imaginação na hora dos ensaios, principalmente por contar com elenco e equipe de preparação profissional e dedicada ao tema. Com mulheres fortes e de diferentes etnias, pudemos discutir qual a melhor forma de direcionar essa personagem que representa a tantos grupos ao mesmo tempo. Como contemplá-los? Como mostrar seus dilemas sem diminuir um ou outro? Como fazer a relação entre os personagens e os que eles representam? Todas essas questões foram feitas e as possibilidades propostas e executadas.

Crescimento pessoal é a chave para definir 'Escadas', que vem para fechar um ciclo na minha vida como estudante universitário, e trazer reflexões sobre os altos e baixos em nossas vidas, ressaltando dificuldades da mulher negra em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ARTS, A. Q. **Silêncio: filmando!** : um guia para documentários com qualquer orçamento, qualquer câmera e qualquer hora. Tradução de Daniel Vieira. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011

BIRDMAN ou (A Inesperada Virtude da Ignorância) [Filme]. Direção: Alejandro González Iñárritu. Estados Unidos: Regency Enterprises, New Regency Productions, M Productions, Le Grisbi Productions, TSG Entertainment e Worldview Entertainment, 2014. 1 DVD (119 min.).

CAPITU [Minissérie]. Direção: Luiz Fernando Carvalho. Criador: Luiz Fernando Carvalho. Brasil: Rede Globo, 2008. 5 episódios (30 min.), son., color.

DIANA, Daniela. **Esterótipo**. Toda matéria. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/estereotipo/>> Acesso em: 27 ago. 2019

DOGVILLE [Filme]. Direção: Lars von Trier. Roteiro: Lars von Trier. Dinamarca, Suécia, Noruega, Finlândia, Reino Unido, França, Alemanha e Países Baixos: Canal+, 2003. 1 DVD (177 min.), son., color.

EQUIPE Aprovação Vest. Tipos de Personagem. **Algo Sobre**. Disponível em: <<https://www.algosobre.com.br/redacao/tipos-de-personagem.html>>. Acesso em: 26 set. 2019.

ESCOLA KIDS. **As consequências do Fim da escravidão no Brasil**. Escola kids. Disponível em: <<https://escolakids.uol.com.br/historia/as-consequencias-do-fim-da-escravidao-no-brasil.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2019

ESPÍNOLA, P. M. Semiótica social e estereótipos: uma análise na comunicação intercultural. In: **Semana de Letras**. 9., 2009, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: EdUPUCRS, 2009. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/IXsemanadeletras/ide/Polianne_Merie_Espindola.pdf>. Acesso em: 01 set. 2019. p. 187-201.

FINA Estampa [Telenovela]. Direção: Wolf Maya. Criador: Aguinaldo Silva. Brasil: Rede Globo, 2011-2012. 185 episódios (75 min.), son., color.

FORÇA do Querer [Telenovela]. Direção: Pedro Vasconcelos. Criador: Glória Perez. Brasil: Rede Globo, 2017. 172 episódios (60 min.), son., color.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Violência contra as mulheres em dados**. Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/>>. Acesso em: 27 ago. 2019

MARTINS, M. **A mídia está cheia de estereótipos da mulher negra**. Observatório do direito à comunicação. Disponível em: <<http://www.intervozes.org.br/direitoacomunicacao/?p=24112>>. Acesso em: 27 ago. 2019

RIBEIRO, D; RIBEIRO, S. A mulata globeleza: um manifesto. In: RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SALVE Jorge [Telenovela]. Direção: Marcos Schechtman. Escritor: Glória Perez. Brasil: TV Globo, 2012-2013. 179 episódios (60 min.), son., color.

SEX Education [Seriado]. Direção: Ben Taylor e Kate Herron. Criador: Laurie Nunn. Reino Unido: Eleven Film, 2019-[???]. 8 episódios (46-52 min.), son., color.

VIVER a Vida [Telenovela]. Direção: Jayme Monjardim e Fabrício Mamberti. Criador: Manoel Carlos. Brasil: Rede Globo, 2009-2010. 209 episódios (75 min.), son., color.

YOU [Seriado]. Direção: Lee Toland Krieger, Marcos Siega, Vic Mahoney, Marta Cunningham, Kellie Cyrus, Erin Feeley e Martha Mitchell. Criador: Greg Berlanti e Sera Gamble. Estados Unidos: Warner Horizon Television, 2018-[???]. 10 episódios (41-49 min.), son., color.